

## Armênio Guedes

Conheci Armênio em 1961, quando entrei para o PCB, na então Faculdade Nacional de Filosofia. Naquela época Armênio estava casado com Zuleika Alambert e apesar de Zuleika ser da direção do partido os dois tratavam conosco, os “da base”, sem qualquer empáfia de quadros muito ligados à direção, o que nos aproximou bastante. Foram 54 anos de convivência com Armênio, às vezes bastante estreita, como na época da clandestinidade ou do exílio. E não foi uma simples convivência. A vida na clandestinidade, o compartilhar os riscos, o vivenciar tragédias, como a do assassinato de Celito, irmão de Armênio, quando fora buscar no exterior Fued Saad, as discussões sobre perspectivas políticas no país, são situações que criam laços de amizade muito profundos. Queríamos transformar o mundo, mas nosso universo eram os camaradas e amigos do partido.

Uma vez, nos terríveis anos 70, Zuleika tinha sido afastada do país e Armênio abordado pela CIA, ele ficou uma semana em minha casa no Rio – um calor sufocante, pois nem pensar em ar condicionado ou ventilador. Como a polícia nos buscava, era melhor não sair. Passamos uma semana comendo bananas e tomando mingau de aveia.

Eu gostava muito dele, apesar de divergirmos sempre, politicamente. Mas a verdade é que Armênio, ao se opor, do seu jeito muitas vezes irritado, aos erros do partido, acabou sendo marcado por atitudes que nunca teve. Ele nunca foi anti-soviético: tinha profundo respeito e carinho pelo povo daquele país e por sua heroica revolução. Armênio era absolutamente contra a burrice, as posições tacanhas, a barbárie da repressão nos tempos de Stalin, a burocracia fossilizada.

Por exemplo, quando da denúncia dos crimes de Stalin, abriu-se uma discussão no partido, que mal podia acreditar que tudo aquilo fosse verdade. Mas a discussão interna durou pouco, pois a direção proibiu-a através de uma circular que Armênio logo passou a chamar de “carta rolha”. Irreverente sempre, e a direção não gostava disso.

Quando terminou o curso na Escola de Quadros do partido, em Moscou, que era um primor de “disciplina” a mais idiota, saiu cantando: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!” Isso lhe valeu uma nota, na *Revista Comunista*, dizendo que ele havia sido expulso do partido... E diga-se, apesar dos protestos, nunca foi corrigida.

Armênio também nunca foi anti-prestista, muito ao contrário, admirava e tinha amizade pelo Velho. Morou em sua casa, chegou a fazer sua segurança. Contava sempre com carinho, sobre aqueles tempos, destacando a convivência agradável com Prestes.

Falava sempre da emoção do Cavaleiro da Esperança quando recebeu a notícia que Olga Benário tinha sido assassinada – Armênio estava a seu lado e contava sempre, muito comovido, a tristeza de Prestes.

O que destacava Armênio era, não só um pensamento político independente e elaborado, como sua coragem, em todas as épocas, de defender suas ideias. Por isso mesmo sempre foi discriminado dentro do partido e só no VI Congresso, no final de 1967, foi eleito membro efetivo do comitê central, indo para sua comissão executiva em meados dos anos 70, responsável pelo jornal do partido, *A Voz Operária*, a VO, no exterior. Editou também, em Paris, a revista *Études Bresiliennes*, da qual saíram 5 números: o nº zero, em setembro de 1974, e os de número 1, 2, 3 e 4, em janeiro de 1975, julho de 1975, julho de 1976 e agosto de 1977, respectivamente. A revista tratava de assuntos políticos e teóricos de importância não só para aquele momento.

A revista teórica do PCB, *Estudos Sociais*, da qual não consta um conselho editorial até os dois últimos números (o primeiro é de maio-junho de 1958 e o último, o 19, de fevereiro de 1964), até o nº4 indica apenas que seu diretor era Astrojildo Pereira. Os números 5, 6 e 7, além, de Astrojildo, consta o nome de Armênio Guedes como secretário da revista, que nos nº 8 e 9 foi substituído por Jorge Miglioli, voltando a aparecer como secretário no nº 10. Do 11 ao 17, volta à secretaria da revista Jorge Miglioli e mais tarde, nos últimos números, o 18, de novembro de 1963 e o 19, de fevereiro de 1964, cria-se então um conselho editorial, do qual fazem parte: Armênio Guedes, Astrojildo Pereira, Fausto Cupertino, Jacob Gorender, Jorge Miglioli, Leandro Konder, Mário Alves, Nelson Werneck Sodré e Rui Facó (*in memoriam*). O curioso é que nesses 19 números não há um só artigo de Armênio!

Armênio era um admirador de Gramsci e da política do Partido Comunista Italiano, PCI. Sua ideia principal era a de que o partido comunista tinha que ser um partido de massas. Daí sua simpatia – e de muitos intelectuais de peso no Brasil – pelo eurocomunismo, que parecia uma alternativa ao esclerosado pensamento do PCUS. Mas Armênio nunca tentou passar Gramsci por formol e tirar dele apenas alguns aspectos que muitos forçavam por contrapor (absurdamente) a Lenin. Admirava Gramsci por sua notável inteligência política e o considerava como o grande pensador marxista moderno. E principalmente admirava a política do PCI: como gostavam de dizer os italianos, de 4 deles, um votava PCI.

Com o passar do tempo o eurocomunismo não se mostrou uma alternativa comunista e o PCI desmontou-se – não se falou mais deles aqui. Mas Armênio insistia

na necessidade de um partido de massas, legal, sem “capapretismos” como gostava de dizer. Mas, como chegar a isso – que afinal todos queríamos – dentro da feroz repressão de que por muito tempo o PCB foi vítima, e com a propaganda anticomunista de séculos, entranhada da sociedade, como vemos até hoje? Eram essas as principais discussões que travávamos. Que concessões teríamos que fazer? Eu dizia a ele: para virar PMDB (falo do final da ditadura) não vale a pena correr os riscos de se chamar comunista.

Armênio não era um oportunista político nem estava disposto a fazer concessões que desfigurassem o marxismo e, se teve ilusões, logo deixou o que restava do partido – suas ideias de renovação nada tinham que ver com o PPS. Mas Armênio, excelente crítico de ideias ultrapassadas, não chegou a elaborar um programa condizente com suas ideias.

Armênio tinha em volta dele um grande número de camaradas admiradores, fascinados por uma “oposição” a pensamentos políticos pouco criativos. Mas jamais tentou organizar qualquer grupo em torno dele, qualquer posição que pudesse ser chamada de fracionista. Era fiel ao partido. E, ao contrário de como foi tratado muitas vezes, discutia com veemência, mas era extremamente tolerante com os que discordavam dele. Eu mesma sou exemplo disso. Chamava-o de direitista, ele respondia que eu é que era uma sectária “capa preta” e sempre fomos amigos, sempre nos tratamos com respeito e carinho.

Agora Armênio se foi. Eu esperava que ele completasse 100 anos, mas não foi possível. Foi-se embora e com ele uma parte também de nossas vidas, daqueles que militamos com ele por tanto tempo.

Seu nome de guerra era Julio, mas seus amigos mais íntimos o chamavam de “titio”. Eu preferia chamá-lo de Noga, nome carinhoso que lhe dera a família – uma bela família! –, nome que ele assinava quando me escrevia.

Uma vez, depois do rompimento do que foi o PCB, perguntaram-lhe numa entrevista como se situava e ele respondeu: “*Sou um comunista avulso*”. Adotei o nome.

A vida de Armênio Guedes foi muito rica, ele foi uma dessas pessoas que viveu plenamente. Lutou sempre pelo melhor, desde muito cedo membro do partido, muito ativo sempre, participando com destaque de todos os momentos mais importantes da história do PCB, mesmo fora de sua direção. Teve grande atuação na Bahia – onde o partido foi o mais organizado depois do desastre de novembro de 1935. Foi um dos organizadores da Conferência da Mantiqueira. Participou da redação do Manifesto de

Março de 1958, teve peso nas discussões para o V e o VI Congressos – só para mencionar os momentos mais marcantes

Doente há algum tempo, lutou muito pela vida e parecia que ia viver para sempre. Mas cansou, foi-se embora, deixando muitos amigos, muita saudade. Nosso querido Noga faz muita falta.